

LUCCHESI, DANTE / BAXTER, ALAN / RIBEIRO, ILZA (ORGS.) (2009): O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO. SALVADOR: EDUFBA, 576 PP.

A transposição da língua portuguesa para a América do Sul, como decorrência da expansão europeia iniciada no século 15, resultou numa complexa realidade sociolinguística que caracteriza ainda hoje o Brasil. No novo espaço, a língua entrou em contacto com uma multidão de línguas autóctones e, em seguida, com a instalação de uma economia de base escravista, com dezenas de línguas africanas trazidas pelo grande contingente populacional sistematicamente deslocado, durante três séculos, de diferentes partes da África para a América. O estudo desta complexa história e da realidade sociolinguística dela decorrente tem ocupado muitos dos linguistas brasileiros nas últimas décadas.

Dentre estes pode-se citar o Prof. Dante Lucchesi, da Universidade Federal da Bahia (Salvador), criador e coordenador do projeto Vertentes que tem, como objetivo maior, estudar a realidade atual dos falares rurais do Estado da Bahia buscando lançar luzes sobre os processos que constituem a história sociolinguística desses falares, particularmente os processos derivados do contato da língua portuguesa com as línguas indígenas e africanas.

É desse projeto (com seus quinze anos de pesquisas contínuas e sistemáticas) que nasceu o livro *O Português Afro-Brasileiro*. Seus três organizadores são pesquisadores bem conhecidos e reconhecidos pela comunidade brasileira de estudos linguísticos. Dante Lucchesi é um dos nossos mais destacados sociolinguistas, Alan Baxter é um importante estudioso da língua portuguesa em situações de contato e Ilza Ribeiro está entre as principais sintaticistas do país.

Cumpramos lembrar também que Lucchesi e Baxter realizaram em conjunto, na década de 1990, no interior do Projeto *Vestígios de Dialectos Crioulos em Comunidade Rurais Afro-Brasileiras Isoladas* (do qual o Projeto Vertentes é um desdobramento), uma série de estudos empíricos que lhes permitiram debater criticamente a hipótese da origem crioula do chamado portu-

guês popular brasileiro, debate crítico que volta com mais força no livro que estamos resenhando.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, discute-se o contexto sócio-histórico e os fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa; na segunda, apresenta-se a descrição gramatical do português afro-brasileiro, concentrada em dezesseis aspectos de sua morfossintaxe.

A Primeira Parte se desdobra em cinco capítulos: (1) História do contato entre línguas no Brasil; (2) O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas; (3) A transmissão linguística irregular; (4) Teorias da estrutura e da mudança linguísticas e o contato entre línguas; (5) A metodologia.

A Segunda Parte, por sua vez, reúne quinze capítulos assim distribuídos: (6) A realização do sujeito pronominal; (7) As sentenças relativas; (8) As construções pseudoclivadas e clivadas; (9) As construções de tópico; (10) A negação sentencial; (11) A concordância de número; (12) A concordância de gênero; (13) O artigo definido; (14) A concordância verbal; (15) A concordância em estruturas passivas e de predicativo do sujeito; (16) O emprego do modo subjuntivo; (17) O objeto direto anafórico: a categoria vazia e o pronome lexical; (18) A alternância dativa; (19) A representação da primeira pessoa do plural; (20) A flexão de caso dos pronomes pessoais; (21) O sistema de expressão de posse.

Há uma Apresentação assinada pelos organizadores (em que se recupera a história do Projeto Vertentes), e uma Introdução e uma Conclusão assinadas por Dante Lucchesi. Esta última inclui uma síntese do conjunto de análises apresentadas detalhadamente no livro e suas várias e importantes implicações teóricas. Fecha-se, portanto, o trabalho com um apanhado das características linguísticas e sociolinguísticas do português afro-brasileiro.

O percurso do leitor começa por uma por menorizada história do contato entre línguas no Brasil (Capítulo 1). Nela se focalizam as condições que determinaram a clivada realidade linguística do país, atravessada que é por um abismo profundo a separar as variedades cultas das variedades populares.

O eixo desta análise histórica é justamente o multifacetado e complexo processo de contato entre línguas que ocorreu no território brasileiro desde o século 16. Um dos pontos fortes aqui é o arrazoadado, muito bem construído e sustentado, que apresenta os fatores que determinaram a ausência, no Brasil, de um processo de criouliização do português em níveis socialmente representativos e com duração expressiva.

Ao resgatar a complexidade da sociedade brasileira frente, por exemplo, às sociedades agroexportadoras do Caribe (que efetivamente conheceram um amplo e efetivo processo de criouliização), o livro faz avançar significativamente os debates sobre as origens do português popular brasileiro. Ficam por demais evidentes o caráter excessivamente genérico e as fragilidades da hipótese da criouliização prévia.

Isso não significa afirmar que não tenha havido processos de transmissão linguística irregular mais intensos, em níveis muito próximos ao da criouliização em situações como a de comunidades com forte presença afro-brasileira formadas em torno de uma fazenda numa região mais remota do interior ou em comunidades oriundas de quilombos. A comunidade de Helvécia (uma das quatro analisadas no livro) fornece evidências empíricas para esta hipótese.

O que o livro demonstra convincentemente é que essa não foi, porém, uma situação generalizada. Diante disso, a argumentação avança para sustentar a hipótese de que as variedades do português popular brasileiro se originaram de um processo de transmissão linguística irregular de tipo leve (que terá, posteriormente, efeitos também sobre as variedades cultas).

A transmissão linguística irregular de tipo leve se caracteriza não por uma reestruturação original da gramática e/ou pela transferência de estruturas das línguas de substrato (fatos que ocorrem na constituição de uma língua crioula), mas pela simplificação de certas estruturas gramaticais dando origem não a uma língua crioula, mas antes a uma variedade da língua de superestrato particularmente afetada por mudanças induzidas pelo contato.

Considerando a complexidade do quadro sociolinguístico brasileiro, os pesquisadores do Projeto Vertentes entenderam que poderia ser de grande significância isolar uma variedade linguística em que os reflexos de pretéritas situações de contato sejam ainda visíveis.

Concentraram-se, então, no estudo de quatro comunidades rurais do interior do Estado da Bahia, formadas em sua maioria por descendentes diretos de escravos africanos (originárias, em alguns casos, de antigos quilombos) e que ficaram isoladas até meados do século 20, permanecendo, portanto, até muito recentemente, à margem da ação niveladora dos grandes centros urbanos. São, por tudo isso, no dizer de Lucchesi (pág. 73), “verdadeiros sítios arqueológicos da história sociolinguística do país”. É nessas comunidades que se fala a variedade que os autores designam por *português afro-brasileiro*.

Seu estudo permite dar um passo à frente na tarefa que os pesquisadores do Projeto Vertentes consideram central da historiografia linguística no Brasil, qual seja, superar as limitações dos registros históricos que, em sua grande maioria, se restringem à língua da elite colonial, do Império e da República, ignorando a polarização sociolinguística que marca a formação histórica da realidade linguística brasileira.

É preciso incluir, nessa história, a formação e o desenvolvimento das variedades da maioria da população. A polarização sociolinguística do país em variedades cultas e variedades populares é de tal monta que desautoriza todos os estudos que apresentam uma história única para o português brasileiro. Nesse sentido, o livro, ao individualizar as comunidades afro-brasileiras isoladas como falantes de uma variedade específica do português brasileiro particularmente alcançada por processos passados de contato entre línguas, traz uma inestimável contribuição para a compreensão da história linguística do português no Brasil.

O leitor é, então, apresentado (Capítulo 2) às quatro comunidades de fala analisadas pelo Projeto Vertentes. Destacam-se, nessa apresentação, as diferenças que há entre elas em termos sócio-históricos e econômicos.

Essa diferenciação tem relevância para mostrar que o português afro-brasileiro (embora claramente distinto das demais variedades rurais) não é uma realidade linguisticamente homogênea, nem são homogêneas suas especificidades frente ao português de outras comunidades rurais.

A melhor forma de registrar essa complexidade é pelo esquema de um *continuum*, que vai de um extremo em que se encontram as comunidades rurais afrodescendentes isoladas (mais afetadas pelo contato entre línguas) até o outro extremo em que estão as comunidades rurais com um percentual reduzido, ou mesmo ínfimo, de afrodescendentes (ou indiodescendentes, dependendo da região) que foram menos afetadas pelo contato entre línguas em sua formação, passando por comunidades rurais mistas com um crescente contingente populacional mestiço ou branco.

O Capítulo 3 é dedicado a uma substancial discussão do fenômeno da transmissão linguística irregular desencadeada pelo contato entre línguas, abarcando desde processos mais intensos (dos quais emergem as línguas crioulas) até os mais leves (dos quais emergem variedades da língua de superestrato). Resenha-se a fundamentação teórica envolvida na caracterização desses processos, comentando-se comparativamente várias situações em que se evidenciam os diferentes graus de transmissão linguística irregular e que ajudam a entender as peculiaridades do desenvolvimento histórico do português popular brasileiro.

Toda essa discussão teórica e as posteriores análises dos aspectos gramaticais do português afro-brasileiro permitem aos autores do livro fazer uma crítica ampla e consistente seja da hipótese da criouliização prévia, seja da hipótese (ainda menos sustentável) da deriva secular. Nesse sentido, o trabalho traz uma contribuição valiosa para os debates referentes à formação do português brasileiro na medida em que os retira, teórica e empiricamente, do dilema da dicotomia que nos persegue há tempo.

No Capítulo 4, faz-se uma ampla discussão dos dois grandes modelos teóricos mais difundidos sobre a mudança linguística – a

sociolinguística variacionista e a gramática gerativa. O objetivo desta discussão, segundo afirmam os autores do capítulo (Dante Luchesi e Ilza Ribeiro), é – apreciando as contribuições oriundas dos dois modelos – “*fundamentar uma posição teórica que permita integrar elementos da teoria da gramática e a análise dos padrões coletivos de uso linguístico de uma forma minimamente consistente*” (pág. 126). Na base dessa diretriz, está a assunção desses pesquisadores de que a análise dos processos sociais da língua não pode ignorar as determinações gramaticais derivadas do funcionamento da faculdade da linguagem.

O ponto forte dessa robusta argumentação é não pecar por ingenuidade epistemológica, como algumas vezes se vê em aproximações ligeiras e apressadas dos dois modelos. O ponto crucial aqui é – mesmo sabendo que há obstáculos ainda intransponíveis nessa aproximação – não deixar de aproveitar o poder heurístico de cada modelo para a descrição de fenômenos que envolvem gramática e também padrões coletivos de comportamento. Não há espaço aqui para avaliar em profundidade os resultados dessa decisão teórica dos autores do livro. No entanto, é importante saudar o esforço escrupuloso que fizeram para analisar o português afro-brasileiro aproximando esses dois olhares sem ingenuidade. Só esse esforço é uma inestimável contribuição desse trabalho para o amadurecimento do fazer teórico na linguística brasileira.

Completa a Primeira Parte o Capítulo 5, em que se faz uma apresentação da metodologia que foi seguida na organização do acervo de fala vernácula do português afro-brasileiro. O resultado do rigor metodológico é a sólida base empírica que sustenta não só as análises, mas também as importantes ilações teóricas que se alcançaram. Esta empiria é, sem dúvida, outro dos pontos fortes do livro.

A partir daí, o leitor mergulha na análise de dezesseis aspectos morfossintáticos do português afro-brasileiro. Para se apreciar a contribuição de cada um desses capítulos, é importante destacar os pontos recorrentes. Em todos eles, encontra-se sempre uma resenha das teorizações mais recentes sobre o fe-

nômeno sob análise, o que deixa o leitor bem informado do estado da questão, ao mesmo tempo que projeta as contribuições do livro na esteira dos desdobramentos do debate teórico.

A descrição do fenômeno em si se faz, encaixando-o estrutural e socialmente. Ao mesmo tempo, a análise dialoga com outras do mesmo fenômeno feitas a partir de acervos que reúnem dados de outras variedades do português brasileiro. Com isso, pode-se mostrar semelhanças entre as variedades, bem como diferenças quantitativas e, ainda mais interessantemente, algumas diferenças qualitativas. Fica, desse modo, caracterizado o português afro-brasileiro em suas especificidades, mas também devidamente localizado em relação a outras variedades, o que contribui para consolidar o que já se observou quanto às inúmeras faces da complexa realidade sociolinguística do português do Brasil.

As análises dos dezesseis aspectos morfossintáticos mostram que, nos casos de transmissão linguística irregular de tipo leve, a única porção da estrutura gramatical que é significativamente afetada é a constituída por mecanismos gramaticais mais abstratos e formais sem valor referencial (a que os autores dão a designação de *gramática aparente*).

Mostram também que, mesmo nesses casos, não ocorre a eliminação total de tais mecanismos. Com isso, não se criam propriamente condições de mudança nos parâmetros sintáticos da língua-alvo. Por fim, não foram observados praticamente casos de formação de dispositivos originais na gramática. Isso tudo fornece uma chave interpretativa fundamental para a compreensão da formação histórica dos padrões linguísticos presentes atualmente nas variedades do português popular brasileiro e seus reflexos indiretos sobre as variedades cultas.

O conjunto das análises revela três processos de variação (os que afetam a concordância de gênero no interior do sintagma nominal, os que afetam a concordância verbal junto à primeira pessoa do singular e, principalmente, a alternância dativa) que não ocorrem nas demais variedades cultas ou populares do português brasileiro. São, por isso, indicativos de efeitos mais profundos do

contato de línguas no passado e constituem, nesse sentido, propriedades que singularizam o português afro-brasileiro.

Por outro lado, nos casos de variação presentes em todas as variedades do português brasileiro, como a concordância verbal e nominal, foram observadas diferenças quantitativas significativas entre a variedade afro-brasileira e as demais variedades populares, rurais ou urbanas. E, em relação às variedades cultas, as diferenças quantitativas são de tal monta que se chega a pensar que estão aí configuradas diferenciações qualitativas.

Essa última situação confirma a atual polarização sociolinguística do Brasil e, ao mesmo tempo, deixa claro que são bem diferenciados os processos históricos que conduziram à formação da norma culta e da norma popular brasileira, não obstante as interações existentes entre os dois segmentos ao longo da história até os dias de hoje.

Por fim, os resultados das variáveis sociais na análise sociolinguística de vários aspectos das comunidades de fala estudadas revelaram um quadro de mudança em progresso: as formas mais características do contato linguístico estão sendo substituídas pelas formas próprias das variedades urbanas cultas como resultado do processo de nivelamento linguístico que se observa no país pela influência dos grandes centros urbanos.

Não se constata, nas comunidades analisadas, nenhum sentimento de resistência cultural a este processo de aproximação de sua fala às formas das variedades urbanas cultas. Em outras palavras, não se observa ali o sentimento que Labov chamou de *orientação para grupo* e que aparentemente começa a ganhar corpo em algumas comunidades da periferia das grandes cidades brasileiras.

Num balanço geral, pode-se dizer que o livro *Português afro-brasileiro* – pelo seu rigor epistemológico, pela sua densidade teórica e pela sua sólida base empírica – não apenas agrega elementos para a escrita e compreensão da complexa história sociolinguística do Brasil, mas, principalmente, transpõe a pesquisa sobre essa história para um patamar mais elevado.

Ao enfatizar os efeitos do contato de línguas e ao demonstrar a existência ape-

nas localizada de processos de transmissão linguística irregular intensa (próximos à criouliização), o trabalho dissolve a discussão dicotômica tradicional (criouliização prévia versus deriva secular). Ao mesmo tempo, traz contribuições significativas para se re-direcionar o foco da pesquisa histórica do português brasileiro, retirando-a do caminho exclusivo da análise da evolução das variedades cultas.

Ao dar destaque à evolução das variedades populares e indo buscar evidências empíricas nas comunidades cujas variedades foram mais alcançadas pelos efeitos do contato entre línguas, o livro nos aproxima de uma compreensão mais adequada da nossa complexa realidade sociolinguística e da igualmente complexa história de sua formação.

Ainda mais: o estudo pormenorizado dos aspectos morfossintáticos característicos do português afro-brasileiro permite localizar com bastante precisão os pontos que têm servido, nas mãos dos segmentos dominantes mais conservadores e seus veículos de comunicação de massa mais grotescamente reacionários, para continuar alimentando o que Lucchesi denomina (pág. 516) de *racismo linguístico*, ou seja, o uso da língua como um fator a mais a sustentar o processo histórico de exclusão social, superexploração do trabalho e concentração de renda que tem caracterizado o país. Nesse sentido, além de seus aspectos científicos e técnicos, o livro traz contribuição fundamental para os debates e ações políticas que têm como meta a democratização da sociedade brasileira.

Como se pode ver por tudo que aqui foi apresentado, o livro *O Português afro-brasileiro* constitui um capítulo novo e substancial do estudo do português brasileiro e de sua história. É, por isso, indispensável a todos os pesquisadores que se dedicam a esses temas.

Carlos Alberto Faraco